

Por que o Brasil não deve sediar o Congresso da ICOH em 2.003?

A Comissão Internacional em Saúde Ocupacional(ICOH) promove um congresso internacional a cada três anos. O próximo congresso da ICOH está programado para Foz do Iguaçu, no Brasil, entre 23 a 28 de fevereiro de 2.003. Há várias razões pelas quais o congresso do ICOH não deveria ser bem-vindo em nosso país. Pedimos a você que considere as seguintes razões e apóie este manifesto:

A ICOH é uma organização privada de profissionais de segurança e saúde ocupacional, primariamente uma multinacional da corporação médica. O propósito afirmado pela organização é o de divulgar informações em todo o mundo.¹ Isto é feito principalmente através dos Comitês Científicos que organizam suas próprias conferências e publicam documentos. Em condições ideais, a ICOH deveria servir como uma fonte de opiniões e pareceres científicos imparciais provindos da comunidade científica internacional. Infelizmente, a ICOH tem uma longa e lamentável história de fracassos em fornecer informações científicas imparciais.

A ICOH não tem sido uma fonte imparcial de informações no desenvolvimento de alguns dos mais importantes documentos científicos. Isto é particularmente verdadeiro nas questões relacionadas ao amianto e outras fibras e também a alguns outros produtos químicos e agrotóxicos. Muitos dos membros da ICOH são empregados de corporações empresariais ou consultores industriais. Quando convidados como *experts*, freqüentemente evitam a sugestão de declinar o conflito-de-interesses, afirmando que eles são “representantes” da ICOH. Alguns dos comitês científicos da ICOH são dominados por membros filiados à indústria e isto vem ocorrendo há muitos anos. São poucos os cientistas independentes e representantes dos países em desenvolvimento que são membros dos comitês que lidam com os assuntos polêmicos. Os membros dos comitês científicos representam, desta forma, a ICOH em reuniões ao redor do mundo, freqüentemente levando a engano os países em desenvolvimento sobre os produtos manufaturados pelas empresas e interesses que estes membros da ICOH realmente representam.²

Um grande número de artigos em revistas recentemente publicados por Giannasi e Thébaud-Mony, Castleman e Lemen, Grandjean, LaDou, Richter e Berman, e Watterson, revelaram as atividades da ICOH e apontaram as diversas áreas onde a ICOH fracassou em seu suposto compromisso com a saúde ocupacional.²⁻⁷ Um grupo de líderes internacionais em saúde ocupacional, incluindo o Secretário Geral do Collegium Ramazzini, Cesare Maltoni, da Itália, revisaram a história das atividades da ICOH num esforço de impedir que a

Organização Mundial da Saúde(OMS) e Organização Internacional do Trabalho(OIT) aceitassem os “*experts*” da ICOH de participarem nos seus comitês científicos.⁸ A razão para esta posição é que a ICOH tem um papel-chave no desenvolvimento de documentos científicos e recomendações políticas sobre o amianto e outros materiais.

Deve-se levar em consideração a recente situação embaraçosa que a ICOH causou à OIT, sobre o agora desacreditado e rejeitado documento elaborado pelo Comitê Científico de Fibras, que o publicaria sob sua responsabilidade, intitulado “Efeitos à Saúde das Fibras Naturais e Sintéticas”. É um exemplo claro de algumas das atividades nas quais a ICOH está engajada.

ICOH e a Indústria do Amianto

O Congresso Internacional do Amianto: Uso Controlado ou Banimento? ocorreu em março de 1.994 em São Paulo e concluiu por um chamamento global ao banimento do amianto. A conferência ocorreu numa atmosfera muito tensa. O governo canadense, o comitê permanente do amianto da França e os produtores de amianto brasileiros se opuseram firmemente à realização da conferência. Eventos conduzidos até a conferência explicam o porquê.

A OIT foi procurada em 1.993 pelo Grupo Internacional de Segurança de Fibras(IFSG) para organizar *workshops* no México e Brasil para treinar especialistas em leitura de Raios-X de tórax. No ano anterior, a OIT tinha organizado tais *workshops* em Praga, Checoslováquia, com a participação de médicos da América do Sul, apoiados pelo IFSG. O IFSG ofereceu-se para custear a maior parte das despesas com os *workshops* latino-americanos. O representante do IFSG foi Scott Houston, que na verdade trabalhava em Quebec como Diretor do Asbestos Institute(Instituto do Asbesto), uma associação ligada às indústrias do amianto. O IFSG foi criado como resultado de um acordo interno da indústria do amianto, apesar da representação exclusiva dos interesses da indústria do amianto serem obscurecidos pelo seu nome. Dentro da OIT, os acordos com IFSG eram conduzidos há muito tempo pelo representante da indústria do amianto, Michel Lesage.⁴

Lesage, apresentado na conferência brasileira como médico especialista e consultor da OIT e um dos organizadores do evento, também era um membro da diretoria da ICOH e porta-voz da indústria do amianto. Lesage foi antes disto um funcionário da Associação das Empresas Mineradoras de Quebec e tinha já retornado para o Canadá. Ele discursou a favor dos “novos métodos bem-sucedidos de controle do amianto em diversos países”. Seus pronunciamentos na conferência surpreenderam os participantes que esperavam que a OIT tivesse uma posição distinta daquela apresentada pela indústria do amianto. Lesage promoveu o conceito do “uso controlado” do amianto, práticas de segurança que representam uma ficção nos países em desenvolvimento onde regulamentos são raramente aplicados e normas voluntárias são quase nunca implementadas ou monitoradas. Ele considerou “fraca atuação dos participantes

que pouco aproveitaram a enorme experiência” de seus convidados internacionais, que incluíam entre outros Dr. Graham Gibbs, Fedor Valic, Patrick Brochard, entre outros.

Já o porta-voz da indústria canadense do amianto e principal articulador do Asbestos Institute(Instituto do Amianto), apresentado somente com sua credencial de coordenador do IFSG, afirmou em publicações posteriores ao *workshop* que ficou “surpreso com o teor político das declarações feitas por alguns palestrantes e participantes. A conferência deveria ser de natureza técnica, enfatizando as medidas de controle para o trabalho com várias fibras industriais comumente usadas no mundo todo” e acusou alguns participantes de “usarem a conferência como plataforma para expressar seu ponto de vista pessoal e, em particular, de darem seu apoio para o total banimento e substituição do amianto”.¹⁷

Marianne Saux, também um membro da diretoria da ICOH, foi apresentada no Brasil como uma especialista da área do trabalho, representando o Ministério do Trabalho francês. Ela era na verdade uma funcionária do grupo Saint-Gobain(no Brasil controla a Brasilit, Eternit, SAMA, Eterbras, entre outros) um produtor multinacional de amianto, fato este conhecido pelos seus colegas da ICOH, mas que se tornou público somente depois que um jornalista investigativo escreveu na França um livro sobre a indústria do amianto e suas dimensões internacionais.¹⁰ O Congresso de março de 1.994 foi seguido alguns meses depois por uma reunião também em São Paulo conjuntamente patrocinada pela OIT e a indústria do amianto(representada pelo IFSG).

Um grupo de *experts* se reuniu em 1.994 na ilha de Jersey para preparar uma revisão sobre o amianto crisotila. O objetivo da reunião era fazer uma avaliação dos riscos do amianto crisotila. Houve considerável controvérsia sobre a continuidade da mineração e manufatura da crisotila. A indústria do amianto tomou a posição que a crisotila era segura se usada em “condições de controle”. Segundo o convite, a reunião era patrocinada conjuntamente pela ICOH e pelo Programa Internacional de Segurança Química(IPCS). Como ficou claro mais tarde, os representantes das indústrias do amianto estiveram envolvidos no planejamento e na cobertura das despesas desta reunião. Alguns dos palestrantes estavam cientes do apoio financeiro da indústria, outros não.³

Uma monografia sobre materiais fibrosos foi subseqüentemente preparada para a OIT pelo Comitê Científico sobre Fibras da ICOH. A monografia foi distribuída pela OIT para revisão científica em agosto de 1.997. Especialistas sobre o amianto (entre eles William Nicholson, Morris Greenberg e John Dement) notaram horrorizados que o capítulo sobre o amianto tinha sido escrito por Jacques Dunnigan, por longo tempo Diretor de Saúde e Meio Ambiente do Asbestos Institute(Instituto do Amianto) e que o editor chefe era Graham Gibbs, outro membro da diretoria da ICOH e eterno representante da

indústria canadense do amianto. Nicholson, Greenberg e Dement recusaram-se a revisar os capítulos do esboço do relatório da OIT, não querendo ter seus nomes ligados a isto.⁴ Fortes protestos de sindicatos no Reino Unido, países escandinavos e Estados Unidos se seguiram, juntamente com as críticas de cientistas. A OIT sensatamente suspendeu a consulta como sendo sua publicação.

O Vice-Presidente da ICOH Bengt Knave expressou surpresa ao saber da controvérsia do amianto em janeiro de 1.998. Ele afirmou que as diretrizes da ICOH requerem que documentos produzidos pelos comitês científicos devem ser submetidos aos dirigentes da ICOH antes da publicação e alegou que nenhum relatório fora recebido pelos dirigentes. Respondendo a uma carta de Barry Castleman, Knave reconheceu que, “Concordo com você que o nome e reputação da ICOH tem sido imprópriamente usados neste assunto, e cabe aos dirigentes da ICOH punir os indivíduos responsáveis, tornar público os dados corretos e tomar providências para assegurar que fatos semelhante não ocorram novamente no futuro”.¹¹ Nenhuma das medidas ocorreram e a ICOH tem se colocado na defensiva a respeito de qualquer discussão adicional sobre a controvérsia. Knave eliminou as preocupações na conclusão de uma carta subsequente dizendo, “Eu penso que esta carta põe um fim em nossas discussões, as quais surgiram de um documento que não existe”.¹²

Num esforço de entender como o relatório preliminar sobre fibras fora preparado pela OIT “em cooperação” com a ICOH, Barry Castleman solicitou que a OIT fornecesse uma cópia da carta de introdução que acompanhou a monografia quando ela foi entregue à OIT pelo Comitê Científico sobre Fibras da ICOH. O chefe do setor de Segurança e Saúde Ocupacional da OIT, que também é um membro da ICOH, não acedeu aos repetidos esforços de Castleman para obter o documento.

O ex-Presidente da ICOH, Jean-François Caillard, dirigiu o encontro da ICOH em Nice na França em 1.996. Ele apresentou e homenageou J. P. Beffa, Presidente da Saint-Gobain, agradecendo o apoio dado pela indústria do amianto àquela reunião da ICOH. Quando os funcionários e membros da direção da ICOH se reuniram mais tarde em Paris, eles o fizeram na sala de reuniões da diretoria da Saint-Gobain, como também ocorreu com todos os representantes dos Comitês Científicos.² Mais tarde, discursando perante a Sociedade Francesa de Medicina Ocupacional, Caillard reconheceu que o amianto, com uma estimativa de 2.000 mortes anuais, tinha sido uma “catástrofe de saúde” para a França.¹³

ICOH e a Indústria Química

Em um exemplo da representação da ICOH para os assuntos da indústria, Watterson relatou que a atividade da ICOH sobre os agrotóxicos

claramente refletiu a orientação da indústria.⁸ O Comitê Científico da ICOH sobre os pesticidas ou agrotóxicos em workshops e conferências, e mesmo nos aspectos da organização de fundos, trabalhou junto com a indústria agroquímica em assuntos de saúde ocupacional e segurança. Muitos membros da ICOH são empregados das principais companhias que ainda agora ou em passado recente produziram ou comercializaram agrotóxicos ou mesmo em empresas com interesses no setor.¹⁴ BASF, DuPont, Dow, Union Carbide, Rhone Poulenc(Rhodia no Brasil), Roussel Uclaf, BP, Scherring, Akzo Nobel, Bayer, ICI, Zeneca, Unocol, Enichem, Ciba Geigy, PPG Industries, Otsuka, Mobil, Shell, WR Grace, Monsanto e Rohm e Haas todas financiam membros na ICOH.

Desde o início dos anos 70, tem havido substancial trabalho internacional em métodos alternativos de cultivo, estratégias de redução de uso de agrotóxicos e gerenciamento integrado entre pragas e plantação para proteger o meio ambiente. Estas estratégias reduzem os riscos para a saúde pela redução do uso de pesticidas e da exposição a eles. Estas são, para muitas regiões do planeta, o principal ponto de partida para melhorar a saúde ocupacional e ambiental. Embora a indústria agroquímica tenha conhecimento do valor de tais abordagens, ela prefere não discuti-las. Em consonância com a orientação da indústria no Comitê Científico sobre os Agrotóxicos, estas abordagens têm sido desprezadas, se não ignoradas, na prática, em todas as reuniões e conferências da ICOH.

Muitos dos participantes dos workshops sobre agrotóxicos organizados em 1.986 pela ICOH foram as companhias agroquímicas, entre as quais, FBC, ICI (2), Dow, Shell (4), Ciba Geigy, Bayer (2): ninguém veio pela OIT e não houve nenhum representante das ONGs ou dos sindicatos.⁶ Médicos e Higienistas Industriais trabalhando para ou com as ONGs e os sindicatos interessados em agrotóxicos não participaram. As considerações sobre as multinacionais agroindustriais consideradas indesejáveis foram ignoradas. O interesse de pesquisar os agrotóxicos e a agricultura sustentável por acadêmicos independentes e representantes governamentais não foi discutido.

Entre 1.993 e 1.996, a Dow Química da Europa era um membro financiador da ICOH. Antes de 1.995 o Comitê Científico do ICOH sobre Pesticidas era presidido por um membro do *staff* de empresa agroquímica e em 1.994-95 o secretário do grupo trabalhava para a companhia britânica agroquímica Zeneca. O workshop de 1.994 sobre agrotóxicos tinha contribuições da Zeneca Agroquímica e um representante do grupo internacional das indústrias agroquímicas (GIFAP). Não houve nenhum documento das ONGs não-industriais e das organizações de trabalhadores que poderiam ter contribuído com uma diferente e importante perspectiva para o trabalho. Em 1.998, o Comitê Científico da ICOH sobre agrotóxicos mais uma vez buscou obter o apoio financeiro da indústria. Contatos foram feitos com a Associação Européia dos Produtores Agroquímicos(ECPA) como parceiros na iniciativa.

Segredo ao invés de Transparência

O Comitê Científico da ICOH sobre Países em Desenvolvimento desenvolveu metas de longo prazo que foram apresentadas pelo Dr. Benito Reverente da Filipinas para a diretoria da ICOH na reunião de Estocolmo na Suécia em 1.996.¹⁵ As metas apresentadas conduziram à opinião do Comitê que “A ICOH deveria dedicar uma substancial parte de suas atividades e fundos direcionados às necessidade dos países em desenvolvimento. Infelizmente até o presente momento, isto não ocorreu”.

O Comitê então se ocupou da gestão financeira da ICOH. “Uma porção significativa do orçamento da ICOH é gasta nas despesas de viagem de seus funcionários e membros da diretoria. Não há nenhum mecanismo de aprovação ou autorização da diretoria da ICOH ou membros que deveria exercer alguma forma de controle sobre tais despesas. Adicionalmente, não há nenhum sistema requerendo uma prestação de contas detalhada de tais despesas a um responsável do corpo da ICOH.

Esta crítica aberta às atividades financeiras da ICOH não foi bem recebida pelos funcionários e membros diretores na reunião de diretoria. Os líderes da ICOH ficaram igualmente perturbados pela publicação das metas de longo prazo no Jornal Internacional de Saúde Ocupacional e Ambiental(IJOEH). Embora a ICOH publicamente afirme que é favorável à transparência, a ata daquela reunião reflete que os funcionários e membros da diretoria concordaram que “...é necessário limitar publicação de documentos similares no futuro.”¹⁶

Funcionários da ICOH e membros da diretoria publicamente afirmam seu apoio à “transparência”, mas na grande maioria de suas atividades agem em segredo suportada por estatuto e regimento convenientemente protetores. Repetidas chamadas por mudança no Estatuto e Regimento da ICOH têm encontrado hostilidade e rejeição.¹⁶

ICOH e a Medicina Ocupacional no Brasil

Em uma discussão sobre o fracasso da ICOH em liderar os principais assuntos de saúde ocupacional e ambiental contemporânea, Richter e Berman enfatizaram que sociedades profissionais garantem sua credibilidade pela adoção de padrões de atuação e conduta.⁷ A ICOH tem falhado neste esforço em numerosas áreas críticas. Membros da ICOH incluem nomes de algumas pessoas que têm se distinguido por seus esforços em prol dos trabalhadores e da população em geral. Infelizmente, há muitos membros da ICOH cujas ligações com a indústria resultam em conflitos de interesses com a saúde pública. Sua ascensão aos postos de liderança na organização tem prejudicado a credibilidade da ICOH.

Muitas pessoas apresentam os membros da ICOH como se formassem um grupo de consenso internacional imparcial, independente, e não como um clube cujos membros amplamente representam o setor privado. Este equívoco sobre a ICOH permite então que seus membros se sentem em vários grupos científicos consultivos apesar do fato que eles possam representar os interesses de indústrias e corporações. Para alguns governos e organizações profissionais em países em desenvolvimento, a credencial da ICOH confere um imerecido *status*. O reconhecimento que o Brasil dá à ICOH permite que esta conflituosa representação possa ser feito por qualquer membro em qualquer parte do mundo. Este reconhecimento oficial da ICOH compromete a atuação da medicina ocupacional no Brasil.

À vista de tudo que a ICOH tem feito recentemente, colocando em risco o campo da medicina ocupacional, não é apropriado a ICOH ser homenageada pelos médicos do trabalho no Brasil. A ICOH não tem controlável política de transparência e nunca fez nenhuma tentativa séria para lidar com os conflitos de interesses. Por causa do aumento da vigilância da comunidade científica das recentes atividades da ICOH, a simples presença de observadores da ICOH nas conferências é vista como um sustentáculo dos interesses da indústria. Barry Castleman recentemente lembrou a um funcionário da OIT que a “ICOH é um irre recuperável grupo que serve de fachada para prestação de serviço às corporações”, cujas atividades comprometerão o desenvolvimento da segurança e saúde ocupacional no Brasil.

Fernanda Giannasi
Delegacia Regional do Trabalho em São Paulo, Brasil
Tel: (55 11) 5573-2337/Fax: (55 11) 5083-3830
E-mail: giannasi@telnet.com.br

Referências

1. ICOH. Triennial Report of the International Commission on Occupational Health 1993-1995. ICOH, Singapore, 1996.
2. LaDou, J. ICOH Caught in the act (Editorial). Arch Envir Health. 1998;53(4):247-248. 1.
3. Grandjean P. Impartiality in research. Int J Occup Envir Health. 1997;3:158-60.
4. Castleman BI and Lemen RA. The Manipulation of international scientific organizations. Int J Occup Envir Health. 1998;4:53-55,.
5. Castleman B. Global corporate policies and international “double standards” in occupational and environmental health. Int J Occup Envir Health. 1999;6:61-64.
6. Watterson A. ICOH and the pesticide industry (Editorial). Int J Occup Envir Health 2000;6(1):73-76.
7. Richter ED, Berman T. Seattle and the ICOH: The view from the other side of the globe (Editorial). Int J Occup Envir Health 2000;6(2):161-163.
8. Goldman LR, LaDou J, Lemen RA, Maltoni C, Richter E, Silbergeld E. International Commission on Occupational Health and Its Influence on International Organizations.
9. Giannasi F, Thébaud-Mony A: Asbestos in Brazil. Intl J Occup Envir Health 1997;3(2):150.
10. Malye F. Amiante Le Dossier de L'air Contamine. St. Amand-Montrand (Cher), France: Les editions le Pre aux Clercs, 1996.
11. Knave B (ICOH). Personal communication to B Castleman, January 16, 1998.
12. Knave B (ICOH). Personal communication to B Castleman, January 28, 1998.
13. Caillard, J-F. Asbestos: Questions for occupational medicine. Archives des Maladies Professionnelles et de Medecine du Travail 1997;58:567-569.
14. ICOH. Membership Directory - 1999. ICOH, Singapore, 1999.
15. Reverente BR Jr. Problems and long-range agenda, ICOH Scientific Committee on Developing Countries (SCOHDEC). Int J Occup Envir Health 1996; 2(3):251-252.
16. ICOH Board Meeting, September 14, 1996 at the National Institute for Working Life, Solna/Stockholm, Sweden, Item 9. Long Range Agenda for Developing Countries, p. 3.
17. ABRA, 1994. ILO Workshop on Mineral and Synthetic Fibres – Encarte Especial.